

AS VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS NO BRASIL: REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA

LINGUISTIC VARIATION IN BRAZIL: INTEGRATIVE LITERATURE REVIEW

LAS VARIACIONES LINGÜÍSTICAS EM BRASIL: REVISIÓN INTEGRATIVA DE LA LITERATURA

Wanessa Jéssica Dinelly da Luz Azevedo

Aluna do Centro Universitário Internacional UNINTER. Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso. 6º Semestre – 2018

Lucília Maria Goulart de Andrade Bonfim

Professora-orientadora no Centro Universitário Internacional Uninter

RESUMO

As variações surgem de ajustes às situações de recepção das mensagens; ocorrem, pois, em diversos níveis. A pluralidade de falares é decorrente da dinâmica populacional e da natureza das relações entre os grupos em distintos períodos. Sabe-se, entretanto, que o preconceito linguístico ainda predomina, e o professor deve posicionar-se contra qualquer tipo de discriminação. Sua atuação será democrática ao esclarecer a existência de um modelo padrão de língua, sem menosprezar as variantes linguísticas de determinado grupo ou região brasileira, enfatizando ainda as razões pelas quais é importante dominar a norma padrão. Este estudo pretendeu conhecer as características das variações linguísticas e suas principais contribuições para a construção da identidade cultural brasileira por meio da análise de produções científicas publicadas de 2008 a 2018. A busca pelas publicações foi realizada no Repositório Digital da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Para a coleta de dados foi utilizado o instrumento publicado e validado por Ursi no ano de 2005, e que foi adaptado para este estudo. Revelou-se que as identidades étnicas e linguísticas não são passíveis de separação, sendo a língua mais do que um instrumento de expressão, pois faz parte do próprio ser. As variáveis extralinguísticas consideradas relevantes foram a escolaridade, o local de residência, o gênero e a faixa etária. Observou-se que as mulheres têm maior consciência do status social das formas linguísticas e que os jovens tendem a se nivelar linguisticamente. Conclui-se que é necessária a abertura de espaços de discussão sobre esse assunto nas instituições e a realização de estudos que contribuam para futuras intervenções relacionadas com esta temática.

Palavras-chave: Sociolinguística; Variações linguísticas; Preconceito linguístico.

ABSTRACT

Variations arise from adjustments to message reception situations; therefore, they occur at various levels. The plurality of speech derives from the population dynamics and the nature of relations between groups in different periods. However, it is known that linguistic prejudice still predominates; teachers must take a stand against any kind of discrimination. Their performance will be democratic in clarifying the existence of a standard language, without disregarding the linguistic variation of a particular Brazilian group or region while emphasizing the reasons why it is important to master the standard norm. This study aimed to know the characteristics of linguistic variation and their main contributions to the construction of Brazil's cultural identity through the analysis of scientific productions published from 2008 to 2018. The search for publications was performed in the Digital Repository of the Federal University of Rio Grande do Sul. For data collection, it was used the instrument published and validated by Ursi in the year of 2005, and that was adapted for this study. It was revealed that ethnic and linguistic identities are not separable, and language is more than an instrument of expression, as it is part of one's being. The extralinguistic variables considered relevant were education, place of residence, gender and age group. It was observed that women are more aware of social status of linguistic forms and young people tend to level out linguistically. It is concluded that

it is necessary to open spaces for discussion on this subject in the institutions and to conduct studies that contribute to future interventions related to this theme.

Keywords: Sociolinguistics; Linguistic variation; Linguistic prejudice.

RESUMEN

Las variaciones surgen de ajustes a las situaciones de recepción de los mensajes; se producen, pues, en diversos niveles. La pluralidad de las formas de hablar es producto de la dinámica de la población y de la naturaleza de las relaciones entre los grupos en distintos periodos. Se sabe, sin embargo, que el prejuicio lingüístico todavía persiste, y el profesor debe asumir posición contra cualquier tipo de discriminación. Su actuación será democrática cuando explique la existencia de un modelo estándar de la lengua, sin menospreciar, sin embargo, las variantes lingüísticas de determinado grupo o región brasileña; debe darle relieve a las razones por las cuales es importante dominar la norma estándar. Este estudio tuvo el objetivo de conocer las características de las variaciones lingüísticas y sus principales contribuciones para la construcción de la identidad cultural brasileña por medio del análisis de producciones científicas publicadas de 2008 a 2018. La búsqueda de las publicaciones se hizo en el Repositorio Digital de la Universidad Federal de Rio Grande do Sul. Para la recolección de datos se utilizó el instrumento publicado y validado por Ursi en el año 2005, y que fue adaptado para este estudio. Se pudo constatar que las identidades étnicas y lingüísticas no son pasibles de separación, y que la lengua es más que un instrumento de expresión, pues forma parte del propio ser. Las variables extralingüísticas consideradas relevantes fueron la escolaridad, el sitio de residencia, el género y el grupo etario. Se observó que las mujeres tienen más consciencia del estatus social de las formas lingüísticas y que los jóvenes tienen tendencia a nivelarse lingüísticamente. Se concluye que se hace necesaria la apertura de espacios de discusión sobre ese tema en las instituciones y la realización de estudios que contribuyan para futuras intervenciones relacionadas con esa temática.

Palabras-clave: Sociolingüística; Variaciones lingüísticas; Prejuicio lingüístico.

INTRODUÇÃO

A variação representa um fenômeno natural, decorrente da diversificação dos sistemas de uma língua; é parte integrante das línguas humanas e ocorre em todos os níveis. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) reforçam que ela existe independentemente de qualquer ação normativa e falar na “Língua Portuguesa” implica considerá-la uma unidade composta por muitas variedades, uma vez que se observam diferentes pronúncias, além de distinções no “emprego de palavras, de morfologia e de construções sintáticas, as quais não somente identificam os falantes de comunidades linguísticas em diferentes regiões, como ainda se multiplicam em uma mesma comunidade de fala” (BRASIL, 1998, p. 29).

Segundo Andrade (2017, p. 541), os sistemas linguísticos são constituídos por todas as variedades existentes, adequados às necessidades comunicativas dos falantes, sob influência das práticas sociais e influência cultural de determinada sociedade. Dessa forma, enaltecer determinadas variedades em detrimento de outras significa usar as diferenças linguísticas como pretexto para discriminação social dos indivíduos. A língua apresenta

diferenças ainda entre os sexos, faixas etárias e níveis de alfabetização, classes sociais e localização geográfica. Dessa forma, para o autor, destacam-se os seguintes tipos de variedades: geográficas, de gênero, socioeconômicas, etárias, de nível de instrução, urbanas, rurais, etc.

Neste contexto, o interesse pela temática surgiu em decorrência das vivências durante a graduação, principalmente nas disciplinas de Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental e Médio, ao perceber as variações linguísticas existentes entre os diversos grupos de alunos e profissionais que compunham a comunidade escolar, assim como o preconceito em relação à forma de falar, o que levou ao seguinte questionamento: Quais os grupos nos quais ocorrem as variações linguísticas e as principais contribuições destas para a construção da identidade cultural brasileira?

A fim de responder esta questão norteadora, traçou-se como objetivo geral conhecer as características das variações linguísticas e suas principais contribuições para a construção da identidade cultural brasileira. Para alcançá-lo, fez-se necessário: apresentar aspectos teóricos das variações linguísticas no Brasil e sua evolução ao longo do tempo; identificar as principais contribuições das variações linguísticas para a construção da identidade cultural brasileira e descrever os principais grupos linguísticos nos quais ocorrem as variações.

Desse modo, identificar as principais variações da Língua Portuguesa existentes no país pode possibilitar a compreensão da formação cultural da nação, combatendo o preconceito linguístico e construindo a consciência de unidade nacional, porém, sem negligenciar o uso adequado da língua vernácula, de acordo com as situações vivenciadas no cotidiano.

O presente estudo possui ampla relevância para o enriquecimento dos conhecimentos dos acadêmicos e profissionais quanto às variações que a língua apresenta e os fatores por elas responsáveis, assim como as contribuições destas variantes para a construção da cultura brasileira ao longo dos séculos.

Sabe-se, pois, que o preconceito linguístico e outras formas de exclusão ainda representam desafios a serem superados, entretanto, com a conscientização e esclarecimentos adequados acerca da temática, é possível minimizar tal panorama, especialmente nos espaços educativos.

Diversos autores discorrem sobre as variações no Brasil, entretanto, poucas publicações refletem sobre este tema na Região Norte, o que torna o presente estudo ainda mais relevante. Destaca-se a opção pelo intervalo de tempo para coleta de dados referente aos últimos dez anos, a fim de que sejam geradas informações atualizadas e condizentes com a realidade.

Identificando as partes do presente artigo, primeiramente discorreu-se sobre a contextualização do tema e sobre a conceituação das variações linguísticas, assim como a justificativa para a escolha desta temática, a relevância deste estudo, os seus objetivos e a problemática, cuja questão norteadora guiou todo o percurso da pesquisa. Na segunda parte foram abordadas as Variações Linguísticas de forma mais aprofundada, enfatizando sua participação na construção da identidade cultural brasileira e a ocorrência do preconceito linguístico.

A terceira parte representou a metodologia da pesquisa, o tipo de estudo e suas etapas, o local de sua realização e as características das publicações científicas sobre as variações linguísticas (as bases de dados utilizadas e a forma como ocorreu a associação de descritores), aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, descrição do instrumento de coleta de dados e da sua análise. Na quarta parte, são apresentados os resultados e as discussões, com duas categorias: caracterização dos estudos e contribuições das variações linguísticas para a construção da identidade brasileira e principais grupos nos quais elas ocorrem.

A quinta e última parte refere-se às considerações finais, contemplando as ideias principais do presente estudo e seus resultados mais significativos, reiterando a importância das variações e o combate ao preconceito linguístico, assim como a ênfase sobre as limitações do presente estudo e as recomendações para a realização de novas pesquisas, mais aprofundadas.

AS VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS COMO FATOR IDENTITÁRIO

A evolução das variações linguísticas no Brasil ao longo do tempo e o preconceito linguístico

De acordo com Barbosa (2016, p. 03), a linguagem está comumente inserida no dia a dia do homem, dispondo de elementos capazes de proporcionar a comunicação.

Segundo Andrade (2012, p. 538), o Brasil ocupa o quarto lugar entre os países com os territórios mais extensos do planeta, dispondo de diversidades a nível climático e geográfico, onde a predominância de um elemento - a língua - é capaz de caracterizá-lo como uma nação.

Câmara Júnior (apud Andrade, 2012, p. 539) afirma que a Língua Portuguesa em nosso país foi influenciada por imigrantes europeus que se instalaram no Centro Sul, logo após a independência no ano de 1822, fator que justifica a diversidade de pronúncias e determinadas alterações superficiais do léxico entre as regiões do Brasil e, de acordo com o fluxo migratório que receberam, tais mudanças são facilmente perceptíveis.

Nas últimas décadas, defende-se a ideia de que por meio das variações da língua, pode-se "reconhecer uma pluralidade de falares, que são frutos da dinâmica populacional e da natureza do contato dos diversos grupos étnicos e sociais, nos diferentes períodos da nossa história" (ANDRADE, 2012, p. 540).

Para Barbosa (2016, p.05), as variações são originadas de ajustes em função do contexto situacional e do receptor da mensagem. Como consequência, existem diversas modalidades e níveis linguísticos: a língua falada, a escrita, a jurídica, a dos internautas, a dos economistas, etc. Para o autor, existem níveis de variação da língua dentro de cada esfera identificada, tais como: morfológico, sintático, fonético-fonológico, semântico, lexical e por fim, o nível estilístico-pragmático.

Deve-se, no entanto, enfatizar que as variações linguísticas ainda representam um desafio para a população brasileira, uma vez que o preconceito e outros comportamentos excludentes menosprezam a diversidade na expressão da fala e escrita, expressando ideias de uma linguagem "certa" e outra "errada". Isto porque quando não há o reconhecimento da diversidade da língua no país, tenta-se impor uma "norma linguística como se fosse, de fato, a língua comum a todos os (...) brasileiros, independentemente de sua idade, de sua origem geográfica, de sua situação socioeconômica, de seu grau de escolarização, etc." (BAGNO, 2001, p. 15).

Entretanto, todas as variedades constituem sistemas linguísticos perfeitamente adequados para a expressão das necessidades comunicativas dos falantes, dadas às práticas sociais e os hábitos culturais de suas comunidades. Considerar determinadas variedades como melhores e estigmatizar as demais é, antes de tudo, emitir um juízo de valor sobre os falantes dessas variedades, usando as diferenças linguísticas como um pretexto para discriminação social dos indivíduos. (ANDRADE, 2012, p. 541).

Faraco (apud Souza, Carvalho de Jesus e Gomes, 2013, p. 38) designa a norma culta como “o conjunto de fenômenos linguísticos que ocorrem habitualmente no uso dos falantes letrados em situações mais monitoradas de fala e escrita”. A forma de determinadas expressões linguísticas é expressa na fala ou escrita por um determinado falante, variando de acordo com determinadas situações, o que implica dizer que para cada grupo social no qual estamos inseridos, ocorrerá uma variação linguística e, para todas, existe uma norma geral. "Em suma, o ambiente sociocultural determina o nível da linguagem a ser empregado. O vocabulário, a sintaxe, a pronúncia e até a entoação variam segundo esse nível" (BARBOSA, 2016, p. 05).

Souza, Carvalho de Jesus e Gomes (2013, p. 41) afirmam que existem dois tipos de variedades linguísticas: a diatópica (relacionada ao ambiente físico, percebida em falantes oriundos de diferentes regiões geográficas) e a variação diastrática (relacionada a fatores característicos dos falantes e organização sociocultural da comunidade de fala, tais como grupos sociais, sexo, faixa etária, etc.).

Essas e outras diferenças também existem em grau menor, entre o português falado no Norte-Nordeste do Brasil e o falado no Centro-Sul e nesta região existem diferenças entre o falar, por exemplo, do carioca e o falar do paulistano. As diferenças geográficas são mais marcantes em termos da pronúncia e do vocabulário. Os cariocas são conhecidos pela maneira peculiar de pronunciar o que na escrita vem grafado como a letra “s” no final das sílabas, por exemplo, o „som chiado”. Os nordestinos são reconhecidos pela abertura das vogais das sílabas pretônicas. E os gaúchos caracterizam-se pela entoação, „tia por tchia”. Até agora falamos das variedades geográficas, mas não fica só nisso. A língua também fica diferente quando é falada por um homem ou por uma mulher, por uma criança ou por um adulto, por uma pessoa alfabetizada ou por uma não-alfabetizada, por uma pessoa de classe alta ou por uma pessoa de classe média ou baixa, por um morador da cidade e por um morador do campo, e assim por diante. Temos então, ao lado das variedades geográficas, outros tipos de variedades de gênero, socioeconômicas, etárias, de nível de instrução, urbanas, rurais, etc. (ANDRADE, 2012, p. 541).

De acordo com Souza, Carvalho de Jesus e Gomes (2013, p. 41), defende-se, na literatura, o ensinamento da diversidade sistemática, a qual defende a ideia de que quaisquer processos de variação ou alteração linguística são determinados a partir da influência de fatores extralinguísticos e intralinguísticos, o que significa dizer que, para alguns autores, estes fenômenos não correspondem apenas à obra do acaso ou de apenas um ou alguns indivíduos isoladamente.

Considera-se que “a realidade empírica central da linguística histórica é o fato de que as línguas humanas mudam com o passar do tempo” (FARACO, 1991 apud SOUZA; CARVALHO DE JESUS; GOMES, 2013, p. 41). Tal alteração, no entanto, não é percebida facilmente, tendo em vista que ocorre de forma lenta.

Para Souza, Carvalho de Jesus e Gomes (2013, p. 42) alguns gramáticos normativos posicionam-se negativamente quanto às transformações linguísticas, apresentando como justificativa o fato de que estas causam o empobrecimento da língua.

Para Andrade (2012, p. 544), a função principal do professor, neste contexto, é posicionar-se contra quaisquer discriminações e, concomitantemente, ser democrático ao esclarecer o modelo padrão existente, elucidando que este deve ser utilizado nas redações oficiais, porém, sem menosprezar as variantes da língua de determinado grupo ou região brasileira, enfatizando ainda as razões pelas quais é importante dominar a norma padrão.

Dessa forma, o ambiente educacional recebe destaque na adoção de uma postura não estigmatizante, livre de preconceitos linguísticos e outras formas de exclusão:

Quando a escola recebe alunos vindos dos diferentes grupos sociais e que já trazem consigo uma bagagem linguística apreendida no meio em que vivem, tem o dever de ensinar esta variante linguística como mais uma variação, sem menosprezar e estigmatizar o modo diferente do educando se comunicar, conceituando-o como certo ou errado (ANDRADE, 2012, p. 544).

Em países com o Brasil, em que a formação social inclui índios, negros, europeus, asiáticos e outros, a expressão linguística apresenta-se diversificada, tanto no que diz respeito ao uso de variantes da língua portuguesa, quanto no que se refere à presença de outras línguas faladas em algumas comunidades étnicas.

Dessa forma, essa situação não pode ser ignorada pela escola. Ensinar a ler e escrever ou ensinar a compreender e a produzir textos são atividades que pressupõem uma formação linguística diversificada e especializada por parte daqueles que as exercem (BARBOSA, 2016, p. 09).

Neste sentido, é imprescindível observar que existem dois desafios a serem enfrentados pelo meio escolar: de um lado, os defensores da ideia de que a norma culta se constitui em uma arbitrariedade e, em paralelo, os contrários a esta concepção, considerando que o domínio de tal norma é o maior objetivo do ensino da Língua Portuguesa. Barbosa (2012, p. 02) aponta como principal resultado o não cumprimento de uma das maiores metas no ensino da língua, que consiste em auxiliar o aluno no desenvolvimento de sua capacidade de compreensão e produção de textos diversificados, empregados de acordo com cada situação exposta e gerando o desinteresse por parte do

aprendiz, o que conseqüentemente resultará em um baixo rendimento e reduzindo suas oportunidades de interagir com o mundo.

Metodologia

O presente estudo compreende uma Revisão Integrativa da Literatura (RIL) sobre a temática "As variações linguísticas e sua relação com a construção da identidade cultural brasileira", requer rigor metodológico e se apoia nos estudos de Ganong, Broome e Whittemore e Knalf. Ela é conceituada por Souza, Silva e Carvalho (2010) como a mais ampla das revisões, por permitir a inclusão de estudos experimentais e não experimentais, combinando ainda dados da literatura empírica e teórica.

De acordo com Melo, Barbosa e Souza (2011), A RIL é composta por seis etapas, sendo elas: A identificação do problema (que determina quais estudos serão incluídos), o estabelecimento de critérios de inclusão e exclusão de artigos (isto é, a seleção de amostra, que deve garantir a representatividade), a definição das informações que devem ser retiradas dos artigos previamente selecionados (coleta dos dados), a análise das informações obtidas de maneira crítica, a interpretação dos resultados (onde serão comparados os dados evidenciados na análise com os existentes no referencial teórico) e por fim, a apresentação da revisão.

A pesquisa foi realizada no Repositório Digital da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Lume), portal de acesso às coleções digitais produzidas no âmbito da Universidade e de outros documentos. Foram pesquisados os artigos científicos, monografias e dissertações sobre as Variações Linguísticas no Brasil disponibilizados no banco de dados, publicados entre janeiro de 2008 e janeiro de 2018, por meio dos descritores: variações linguísticas e sociolinguística. A escolha do período de 10 anos objetivou a seleção de publicações recentes e, portanto, atualizadas.

Foram incluídas no estudo publicações científicas sobre as Variações Linguísticas no Brasil com resumos na íntegra, entre janeiro de 2008 e janeiro de 2018. Foram excluídas as publicações que estavam fora do intervalo de tempo preestabelecido, as que apresentaram resumos incompletos escritos em idiomas diferentes de Português, Inglês ou Espanhol e os artigos de reflexão e análises textuais.

Para a coleta de dados foi utilizado o instrumento publicado e validado por Ursi no ano de 2005 em sua dissertação de mestrado, o qual foi adaptado para este estudo. Nesta Revisão Integrativa, o instrumento utilizado foi constituído por cinco etapas, sendo elas: identificação (título, autores, país, idioma, ano de publicação), tipo de publicação e características metodológicas do estudo (tipo de publicação, objetivo, amostra, tratamento dos dados, resultados, análise, implicações, nível de evidência) e avaliação do rigor metodológico (anexo).

Os dados foram analisados qualitativamente através da análise de conteúdo de Bardin (2011), que apresenta as seguintes fases: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados: inferência e interpretação. A primeira fase representa o período de organização, buscando, sistematicamente, a escolha dos documentos que serão analisados, a formulação das hipóteses e objetivos e elaboração de indicadores, a fim de fundamentar a interpretação. A segunda fase compreende a aplicação das decisões, envolvendo a codificação, enumeração ou decomposição, baseada em regras preestabelecidas. Na terceira fase ocorre o tratamento dos resultados, de maneira que se tornem significativos e fiéis, para que o analista seja capaz de propor inferências e interpretações a propósito dos objetivos previamente descritos ou, até mesmo, sobre descobertas inesperadas.

Neste sentido, surgiram duas categorias gerais: “Caracterização dos estudos” e “Contribuições das variações linguísticas para a construção da identidade brasileira e principais grupos nos quais ocorrem as variações”.

Caracterização dos estudos

Foram encontradas 98 publicações, as quais, após o descarte de repetições e aplicação dos critérios de inclusão, compreenderam 11 amostras. O quadro 01 abaixo dispõe os autores e título dos estudos abordados, sendo que a numeração utilizada norteará as próximas descrições:

Quadro 1 – Distribuição dos estudos incluídos na Revisão Integrativa de Literatura sobre Variações Linguísticas, de acordo com os autores e título

NUMERAÇÃO	TÍTULO	AUTORES
01	A africada alveolar na fala de duas comunidades fronteiriças no extremo Sul do Brasil uma análise variacionista	SILVA JÚNIOR, H. B.
02	A concordância verbal de terceira pessoa do plural na fala de crianças de uma creche comunitária de Porto Alegre	SOARES, S. M.
03	A escrita da mulher trabalhadora na imprensa operária brasileira da República Velha: a luta contra o enclausuramento e o preconceito linguístico	BOENAVIDES, D. L. P.
04	A lateral pós-vocálica em Lages – SC: análise variacionista	NEDEL, E. L.
05	A realização variável de vibrante simples em lugar de múltipla em onset silábico no português falado em Antônio Prado – RS	CORRÊA, R. C.
06	A vocalização da consoante lateral em coda silábica em uma variedade de português brasileiro: análise sociolinguística em tempo real	BATISTTI, E.; MORAS, V. T.
07	As (des)sonorizações e a neutralização da vibrante: atitudes e concepções linguísticas	SCHNEIDER, M. N.
08	Leitura e escrita de crianças: comparações entre grupos de diferentes escolas públicas	SALLES, J. F.; PARENTE, M. A. M. P.; FREITAS, L. B. L.
09	O não alçamento das vogais médias na fala de Curitiba sob a perspectiva da sociolinguística quantitativa	LIMEIRA, L.; COLLISCHONN, G.
10	Participação, identidade e variação na EJA: o uso variável da concordância nominal de número como recurso simbólico e estilístico na construção de uma comunidade de prática na sala de aula de língua portuguesa	MANGABEIRA, A. B. A.
11	Um olhar sobre a linguagem de adolescentes de classe socioeconômica privilegiada	MOTHES, L.; ROSA, N. B. K.

Fonte: LUME, 2018.

Em relação aos locais de publicação, Porto Alegre compreendeu 10 estudos, o que representou 90, 9% das amostras, conforme demonstra a tabela 01:

Tabela 1 – Distribuição dos estudos incluídos na Revisão Integrativa de Literatura sobre Variações Linguísticas, de acordo com o local

LOCAL	%
Porto Alegre	90,9
Niterói	9,1
Total	100,0

Fonte: LUME, 2018.

Esta liderança na publicação de estudos pode estar relacionada ao fato de que a cidade de Porto Alegre representa o berço do Projeto VARSUL (Variação Linguística na Região Sul do Brasil), o qual tem por objetivo a descrição do português falado e escrito de áreas socioculturalmente representativas do Sul do país e conta atualmente com a parceria de quatro universidades brasileiras, o que pode estimular a realização de tantos estudos relacionados às variações linguísticas no Brasil.

Observou-se ainda, quanto ao ano de publicação, que não houve amostras referentes a 2011, 2014, 2015 e 2017, recebendo destaque os anos de 2009, com três (27,2%). Em 2012 e 2016, foram encontrados dois estudos (18,2%) para cada, conforme demonstra a tabela 02:

Tabela 2 – Distribuição dos estudos incluídos na Revisão Integrativa de Literatura sobre Variações Linguísticas, de acordo com o ano de publicação

ANO DE PUBLICAÇÃO	%
2008	9,1
2009	27,2
2010	9,1
2011	-
2012	18,2
2013	9,1
2014	-
2015	-
2016	18,2
2017	-
2018	9,1
Total	100,0

Fonte: LUME, 2018.

Embora não existam amostras dentro dos anos supracitados, é importante ressaltar que houve bastantes publicações abrangendo todos os períodos antes de serem aplicados os critérios de inclusão e exclusão, fator que delimitou o número de pesquisas utilizadas para o presente estudo.

Quanto aos objetivos constantes nas publicações científicas, foram diversos os apresentados, conforme detalhados no quadro 2:

Quadro 2 – Distribuição dos estudos incluídos na Revisão Integrativa de Literatura sobre Variações Linguísticas, conforme os objetivos

NUMERAÇÃO	OBJETIVOS
01	Analisar o comportamento variável das oclusivas seguidas de [i] na fala de informantes de Santa Vitória do Palmar e Chuí, municípios da região de fronteira Brasil-Uruguai, a partir do modelo da Teoria da Variação de Labov (1972, 1994).
02	Analisar os contextos linguísticos e sociais em que se dá a produção da desinência de concordância variável de terceira pessoa do plural na fala infantil.
03	Analisar como a escrita da mulher trabalhadora na imprensa operária brasileira da República Velha (1889-1930) refletiu e influenciou a realidade da época.
04	Analisar as formas de realização da lateral pós-vocálica na cidade de Lages-SC sob a luz da Teoria Variacionista.
05	Verificar, com base na Teoria da Variação (LABOV, 1972), a proporção de aplicação da regra variável de uso de vibrante simples em lugar de múltipla, tanto em posição intervocálica (<i>arroz</i>) quanto em início de palavra (<i>rua</i>) em Antônio Prado – RS, e os condicionadores linguísticos e sociais do processo, na hipótese de que as variáveis sociais sejam mais relevantes para a aplicação da regra, como atestam estudos realizados em outras comunidades de fala.
06	Captar o padrão de variação e mudança linguística na comunidade.
07	Não Identificado
08	Traçar perfis e comparar o desempenho de leitura/escrita de 110 crianças de segunda série de cinco escolas públicas.

09	Estudar o comportamento das vogais médias a e o, em pauta pretônica, postônica e nos clíticos, na fala de uma amostra dos habitantes de Curitiba, usando como base a teoria da Sociolinguística quantitativa, desenvolvida por Labov.
10	Estabelecer relações entre a construção de identidades em uma comunidade de prática (WENGER, 1998) a variação da Concordância Nominal de Número como uma prática social na fala de seus participantes.
11	Analisar as possíveis diferenças na expressão oral entre os gêneros masculino e feminino à luz das teorias sociolinguísticas.

Fonte: LUME, 2018

Dentre os estudos analisados, em apenas um não foi identificado o objetivo geral, no entanto, percebeu-se que a preocupação em analisar as variáveis nas expressões orais e escritas das diversas faixas etárias e gêneros, além da compreensão da situação social e geográfica na qual se encontra determinada variação linguística.

Contribuições das variações linguísticas para a construção da identidade brasileira e principais grupos nos quais ocorrem

A identidade cultural brasileira foi construída desde o descobrimento do país, ao longo das gerações, sofrendo influência inicial do branco, negro e índio e repercutindo nas tradições, danças, culinária, variações linguísticas, entre outros.

A importância das suas variações foi exposta nos resultados de Mothes e Rosa (2009), ao citar que o comportamento linguístico dos seres humanos contribui para marcar e caracterizar as diferentes fases de suas vidas e, para os adolescentes, por exemplo, um dos grupos em que mais ocorre tal fenômeno, a linguagem e sua variação está diretamente ligada aos espaços interacionais em que são construídas as suas identidades sociais e este fator contribui para o enriquecimento dessa diversidade, pois apresenta relevância e significativa influência na comunidade de fala dos indivíduos, o que implica dizer que sua forma de expressão e linguagem fazem parte de sua história enquanto pessoa.

Schneider (2008), em sua pesquisa, observou que as identidades étnicas e linguísticas não são passíveis de separação, sendo a língua mais do que um instrumento de expressão do eu, uma vez que ela faz parte do próprio ser.

Para o autor, atitudes preconceituosas relacionadas às variedades linguísticas poderiam contribuir para a desvalorização de suas participações em sala de aula, despertando o complexo de inferioridade e silenciando o aluno. Dessa forma, alertou para a necessidade de inclusão social dos alunos por parte dos professores, através do combate e desconstrução de todo e qualquer preconceito linguístico, a fim de que os traços de fala fossem concebidos como legítimos e pertencentes à sua identidade linguística e que não devem ser considerados erros a serem eliminados simplesmente por não seguirem os mesmos padrões das normas prescritivas.

Mangabeira (2012) encontrou como resultados o fato de que as ligações entre as variáveis linguísticas e as categorias sociais é indireta. Sobre o uso variável da Concordância Nominal de Número, o fato de nenhum dos participantes envolvidos apresentar 100% de Concordância Não-padrão indicou que faziam uso variável desta, mostrando, dessa forma, que dominavam esta variável como um recurso simbólico do qual eram capazes de abrir mão, contrariando a ideia de que o uso de variantes não-padrão da língua indicava falta de inteligência, competência linguística ou escolarização.

Nos achados de Boenavides (2018), tem-se que, embora o preconceito linguístico tenha surgido das concepções mais abastadas em relação à classe trabalhadora, observou-se que na história do país a escolarização não foi uma preocupação da classe dominante desde a colonização até a Primeira República. Obtiveram dados ainda de que textos de diferentes estilos eram produzidos nos jornais da época, e que as mulheres, ao escreverem na imprensa operária, poderiam ter utilizado um estilo próprio, com a presença de um estilo mais argumentativo nos textos femininos, em paralelo à maior exposição de fatos e injunções encontradas em textos masculinos. Em seu estudo, enfatizou ainda que alguns traços presentes nos discursos analisados podem implicar que as mulheres trabalhadoras já possuíam alguma consciência linguística.

Nesta linha de pensamento, no estudo de Mothes e Rosa (2009), notou-se, como complemento à pesquisa de Boenavides (2018), que há maior consciência feminina do status social das formas linguísticas, uma vez que as adultas tendem a liderar processos de mudança linguística, podendo estar uma geração adiante em relação aos homens, o que se explica pelo fato de que as mulheres possuem mais contatos sociais, logo, realizam a troca estilística mais frequentemente. Em paralelo a isso, possuem uma vantagem neurológica-verbal sobre a população masculina, além de maior sensibilidade quanto ao prestígio social

atribuído às variações linguísticas. Constatou-se, de acordo com os achados, que as mulheres usam em maior proporção a variação padrão, o que lhes permite protestar contra as normas que as colocam em posição inferior à dos homens.

Resultados semelhantes foram obtidos no estudo de Battisti e Moras (2016), no qual o cruzamento dos resultados da variável idade com os de gênero mostrou que o feminino está à frente do masculino em todos os grupos etários das amostras, exceto no dos jovens de 1990, o que provavelmente se deve às práticas e papéis sociais específicos atribuídos a jovens do gênero masculino naquele período.

É importante observar que Silva Júnior (2009) notou, em sua pesquisa, que o uso mais frequente da africada alveolar nas comunidades analisadas deu-se por parte de mulheres, e sobretudo as menos escolarizadas residentes no município do Chuí. Enquanto isso, no estudo de Nedel (2009), os fatores extralinguísticos idade, sexo e escolaridade foram relevantes na ocorrência da variante vocalizada /w/, sendo mais presente na fala de indivíduos com menos de 50 anos, do sexo feminino e com maior escolaridade.

Na pesquisa de Corrêa (2016), as variáveis extralinguísticas ou sociais consideradas relevantes pelo programa utilizado foram Escolaridade, Local de Residência, Gênero e Faixa Etária. As duas últimas apresentaram pesos relativos mais aproximados do neutro. Dessas variáveis, as três primeiras confirmaram a hipótese de que os homens de escolaridade mais baixa e moradores da zona rural apareceriam como favorecedores da aplicação de vibrante simples.

Limeira (2013) citou o próprio fator geográfico como relevante, ao apontar que, em seus resultados, a cidade de Curitiba exerce grande papel na ocorrência do não alçamento das vogais médias /e/ e /o/, sobretudo quando focam em seus resultados e os comparam com estudos anteriormente realizados.

Soares (2012), por sua vez, identificou que a variação sociolinguística na infância responde a fatores linguísticos descritos para a fala adulta e fatores sociais ligados à dinâmica socioeconômica da comunidade onde vivem, assim como a fatores de aprendizagem; entretanto, que a escolarização não é a questão central.

Mothes e Rosa (2009) identificaram que os jovens tendem a se nivelar linguisticamente, ao realizar a análise comparativa das diferentes variantes relacionadas à categoria gênero feminino e masculino dos sujeitos, apontando para variações linguísticas pouco discrepantes. Recomendaram, inclusive, maior atenção por parte dos

pesquisadores sociolinguistas no estudo da linguagem adolescente, por acreditarem ocupar espaços diversos e se estender largamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Língua Portuguesa deve ser considerada como unidade composta por muitas variedades, que a torna a identidade do povo brasileiro. Apesar deste conceito dos Parâmetros Curriculares Nacionais, o preconceito linguístico ainda é um desafio a ser superado, e devido a experiências relacionadas a esta temática, foi levantado o questionamento sobre quais os grupos nos quais ocorrem as variações linguísticas e as principais contribuições destas para a construção da identidade cultural brasileira.

Traçou-se, para responder a esta questão, o objetivo geral de conhecer as características das variações linguísticas e suas principais contribuições para a construção da identidade cultural do país. A busca pelas publicações foi realizada no Repositório Digital da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Lume). Utilizou-se para a coleta de dados o instrumento publicado e validado por Ursi no ano de 2005 em sua dissertação, sendo adaptado para este estudo.

Revelou-se que as identidades étnicas e linguísticas não são passíveis de separação, sendo a língua mais do que um instrumento de expressão, pois faz parte do próprio ser. As variáveis extralinguísticas consideradas relevantes foram Escolaridade, Local de Residência, Gênero e Faixa Etária. Constatou-se que existe maior consciência feminina do status social das formas linguísticas e que os jovens tendem a se nivelar linguisticamente, ao realizar a análise comparativa das diferentes variantes relacionadas à categoria gênero feminino e masculino dos sujeitos, apontando para variações linguísticas pouco discrepantes.

Assim, identificar as principais variações da Língua Portuguesa existentes no Brasil é capaz de possibilitar a compreensão da formação cultural da nação, combatendo o preconceito linguístico e construindo a consciência de unidade nacional.

Destacou-se como principal dificuldade a disponibilidade de literatura referente à importância das variações linguísticas e sua construção ao longo do tempo, embora diversos estudos existam abrangendo este tema. Além disso, a maioria dos estudos concentra-se em Porto Alegre e nenhuma publicação da Região Norte foi identificada, o

que pode representar a necessidade de investimentos em pesquisas nas demais regiões brasileiras.

Como limitações do presente estudo destacaram-se a busca por publicações em apenas uma base de dados e, por conseguinte, o tamanho da amostra ser relativamente pequeno, devido aos critérios de seleção. Assim, recomenda-se que outras pesquisas sejam realizadas sobre esta linha de pensamento ou como desdobramentos deste e com amostras maiores, para que novos resultados sejam obtidos e contribuam para futuras intervenções relacionadas a esta temática em educação.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, R.C. **a variação linguística no ensino de Língua Portuguesa**. Revista Eventos Pedagógicos, v.3, n.1, Número Especial, p. 537 – 546, abr. 2012. Disponível em: <<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/viewFile/590/405>>. Acesso em: 05 de dez. de 2017.

BAGNO, M. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Loyola, 2001.

BARBOSA, M. L. **A importância da variação linguística (dialetos e registros) no ensino da Língua Portuguesa**. IV CONAVE. 2016. Disponível em : <<https://www.wp.fc.unesp.br/Home/conave/conavexxxx2015/a-importancia-da-variacao-linguistica-dialetos-e-registros-no-ensino-da-lingua-portuguesa.pdf>>. Acesso em: 06 de dez. de 2017.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução: Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.

BATISTTI, E.; MORAS, V. T. **A vocalização da consoante lateral em coda silábica em uma variedade de português brasileiro: análise sociolinguística em tempo real**. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/143982/000997596.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 05 de ago. de 2018.

BOENAVIDES, D. L. P. **A escrita da mulher trabalhadora na imprensa operária brasileira da República Velha: a luta contra o enclausuramento e o preconceito linguístico**. Porto Alegre, 2009. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/179418/001068498.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 05 de ago. de 2018.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental: **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quatro ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998. CINTRA, Luís Felipe Lindley. Nova proposta de classificação dos dialetos galeoportugueses. Boletim de Filologia. Lisboa, v. 22, n. 1/2, 1971.

CÂMARA JUNIOR, Joaquim Matoso. **História e estrutura da língua portuguesa**. 3.ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1979. FARACO, Carlos Alberto. **Linguística histórica**. São Paulo: Ática, 1991 apud ANDRADE, R.C. **A variação linguística no ensino de Língua Portuguesa**. Revista Eventos Pedagógicos, v.3, n.1, Número Especial, p. 537 – 546, abr. 2012.

CORRÊA, R. C. **A realização variável de vibrante simples em lugar de múltipla em onset silábico no português falado em Antônio Prado – RS**.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística histórica**. São Paulo: Ática, 1991 apud SOUZA, F. F.; CARVALHO DE JESUS, L. M.; GOMES, N. S. **A variação linguística e a norma culta**. Web-Revista SOCIODIALETO v. 4, nº 10, jul. 2013.

LIMEIRA, L.; COLLISCHONN, G. **O não alçamento das vogais médias na fala de Curitiba sob a perspectiva da sociolinguística quantitativa**. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/90177/000911947.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Porto Alegre, 2013. Acesso em: 05 de ago. de 2018.

MANGABEIRA, A. B. A. **Participação, identidade e variação na EJA: o uso variável da concordância nominal de número como recurso simbólico e estilístico na construção de uma comunidade de prática na sala de aula de língua portuguesa**. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/69834/000874716.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 05 de ago. de 2018.

MELO, M.B.; BARBOSA, M.A.; SOUZA, P.R. Satisfação no trabalho da equipe de enfermagem: revisão integrativa. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**. 2011; 19 (04).

MOTHES, L.; ROSA, N. B. K. **Um olhar sobre a linguagem de adolescentes de classe socioeconômica privilegiada**. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/25485/000747921.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Cadernos do Aplicação. Porto Alegre, RS. Vol. 22, n.1 (jan./jun.2009), p.93-111. Acesso em: 05 de ago. de 2018.

NEDEL, E. L. **A lateral pós-vocálica em Lages – SC: análise variacionista**. Porto Alegre, 2009. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/17672/000721297.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 05 de ago. de 2018. Porto Alegre, 2016. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/142540/000993772.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 05 de ago. de 2018.

SALLES, J. F.; PARENTE, M. A. M. P.; FREITAS, L. B. L. **Leitura e escrita de crianças comparações entre grupos de diferentes escolas públicas**. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/98809/000767820.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Paidéia: cadernos de educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto. Ribeirão Preto, SP. Vol. 20, n. 47 (2010), p. 335-344. Acesso em: 05 de ago. de 2018.

SCHNEIDER, M. N. **As (des)sonorizações e a neutralização da vibrante: atitudes e concepções linguísticas.** Contingentia. Porto Alegre. Vol. 3, n. 2 (nov. 2008), p. 77-88. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/20784/000703652.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 05 de ago. de 2018.

SILVA JÚNIOR, H. B.A. **A africada alveolar na fala de duas comunidades fronteiriças no extremo Sul do Brasil uma análise variacionista.** Porto Alegre, 2009. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/22992/000740384.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 05 de ago. de 2018.

SOARES, S. M. **A concordância verbal de terceira pessoa do plural na fala de crianças de uma creche comunitária de Porto Alegre.** Porto Alegre, 2012. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/66290/000870742.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 05 de ago. de 2018.

SOUZA, F. F.; CARVALHO DE JESUS, L. M; GOMES, N. S. **A variação linguística e a norma culta.** Web-Revista SOCIODIALETO v. 4, nº 10, jul. 2013. Disponível em: <<<http://www.sociodialeto.com.br/edicoes/15/31072013033826.pdf>>> Acesso em: 05 de dez. de 2017.

SOUZA, M. T.; SILVA, M. D.; CARVALHO, R. **Revisão Integrativa: O que é e como fazer.** São Paulo; 2010; 8 (1 Pt 1):102-6.

URSI, E.S. **Prevenção de lesões de pele no perioperatório: uma revisão integrativa da literatura.** [dissertação]. Ribeirão Preto: Universidade de São Paulo, Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/Universidade de São Paulo; 2005.

Anexo

Instrumento para Coleta de Dados de Ursi (2005)

A. IDENTIFICAÇÃO

Título do artigo:

Título do periódico:

Autor (1)

Nome:

Autor (2)

Nome:

Autor (3)

Nome:

Nome:

País:

Idioma:

Ano de Publicação:

. TIPO DE PUBLICAÇÃO E CARACTERÍSTICAS METODOLÓGICAS DO ESTUDO

1. Tipo de publicação

1.1 Pesquisa

- Abordagem quantitativa
- Delineamento experimental
- Delineamento quase-experimental
- Delineamento não-experimental
- Abordagem qualitativa

1.2 Não pesquisa

- Revisão de literatura
- Relato de experiência
- Outras _____

2. Objetivo ou questão de investigação:

3. Amostra

3.1 Seleção

- Randômica Conveniência
- Outra _____

3.2 Tamanho (n)

- Inicial _____ Final _____

3.3 Características

Idade _____ Sexo: M F Raça _____

3.4 Critérios de inclusão/exclusão dos sujeitos

4. Tratamento dos dados

5. Intervenções realizadas

5.1 Variável independente _____

5.2 Variável dependente _____

5.3 Grupo controle: sim () não ()

5.4 Instrumento de medida: sim () não ()

5.5 Duração do estudo _____

5.6 Métodos empregados para mensuração da intervenção _____

6. Resultados:

7. Análise

7.1 Tratamento estatístico _____

7.2 Nível de significância _____

8. Implicações

8.1 As conclusões são justificadas com base nos resultados?

8.2 Quais são as recomendações dos autores?

E. AVALIAÇÃO DO RIGOR METODOLÓGICO

Clareza na identificação da trajetória metodológica no texto (método empregado, sujeitos participantes):

Critérios de inclusão/exclusão, intervenção, resultados:

Identificação de limitações ou vieses:
